

A PROPÓSITO DO MASCULINO GENÉRICO EM PORTUGUÊS

MARIA CARMEN DE FRIAS GOUVEIA
(Universidade de Coimbra)

Introdução

A noção de que o género masculino funciona como "englobante", totalizador — em suma, como "genérico"¹ — em Português está de tal modo enraizada na mente dos falantes da língua que não é raro ouvirmos ou lermos frases que contêm verdadeiras "aberrações" de sentido. Como exemplo veja-se o facto de uma mulher expressar a sua gratidão dizendo «Obrigado» (quando ela só pode ficar obrigada...) ou as afirmações do tipo «O filho que nasceu foi uma filha» e «O homem, em relação a outros animais, tem um útero simples»..., entre outros.

Este pequeno trabalho tratará precisamente deste tema, tentando explicar a origem — já muito remota — dessa noção, e tecendo alguns comentários e observações sobre os vários casos em que o masculino não cumpre o "papel" de genérico que lhe é atribuído.

Incidir-se-á sobre a língua portuguesa e a sua realidade, tendo em conta os dados do Português Fundamental (PORTUGUÊS FUNDAMENTAL, 1984, 69-84), e tentará provar-se — com exemplos retirados de textos emitidos por falantes cultos — que, em muitos casos, também o feminino pode funcionar como um verdadeiro "genérico".

1. O masculino genérico

Desde sempre as gramáticas nos ensinaram que o masculino é o género principal. Com efeito, ainda hoje verificamos que, na descrição do género, se coloca o masculino em primeiro plano e, em parágrafo à parte (por vezes noutra sub-capítulo) a formação do feminino, como se este se limitasse a ser extraído do masculino tal como, na Génese bíblica, Eva terá sido criada a partir de uma costela de Adão (SAUVAGEOT, 1972, 68-69).

Tem, então, o masculino essa particularidade de funcionar como englobante, constituindo «o género indiferenciado» (VILELA, 1973, 149-150)? A resposta será afirmativa se considerarmos frases como as seguintes:

Esta cidade tem muito bons médicos.

Se algum aluno me procurar, diga que não me demoro.

O cão é o melhor amigo do homem.

Aqui, médicos, aluno, cão e homem têm como referentes elementos de ambos os sexos.

O *Dicionário de linguística* de Zélio Jota (JOTA, 1981, 152) emprega as designações de género específico, «o que designa apenas a si mesmo, como o feminino» (Ex. a mãe) e não-específico, que «pode referir-se a ambos os sexos» (Ex. os pais). «Ser feminino (...) indica não ser masculino, ao passo que ser masculino não implica não ser feminino».

É também a ideia que defende Claude Tatilon em *Un genre bien à elles* (TATILON, 1998, 111), ao tratar do genérico. Este autor fala em género marcado (o feminino, que implica uma limitação) e não-marcado, o masculino (TATILON, 1998, 108)². Realmente, uma frase do tipo «A cadela é a melhor amiga da mulher» seria muito mais restritiva, limitativa — e até estranha — que a frase correspondente anteriormente considerada no masculino («O cão é o melhor amigo do homem»).

Para este autor, o masculino genérico tem a vantagem de «resumir as variedades masculina e feminina de uma mesma espécie», sendo um meio gramatical de «evitar enunciados longos» (Ex. «Os meus irmãos vieram visitar-me» é mais sucinto que dizer «O meu irmão e a minha irmã vieram visitar-me»). Mas, nota, também há masculinos específicos, para designar exclusivamente machos, pelo que «não se deve estender o seu uso para lá do útil» (TATILON, 1998, 111).

Maria Ângela Botelho Pereira (PEREIRA, 1987) dedicou-se também a este assunto e nota que «os masculinos às vezes têm um potencial interpretativo mais amplo que (...) o feminino». Porém, isto «não é uma regra geral». Com efeito, alguns masculinos invariáveis admitem, no plural, a interpretação dos dois sexos, sendo mais gerais.

Exs. Os reis católicos, Fernando e Isabel.

Os meus pais passaram as férias connosco.

Os padrinhos de baptismo da Ana chegaram.

Os alunos não querem pagar propinas.

Note-se, no entanto, que a forma os avós (do Latim AUIŎLOS), com determinante masculino mas substantivo feminino, engloba elementos de ambos os sexos.

Outros masculinos têm unicamente a interpretação relativa ao sexo masculino que — para a mesma autora — « é tão exclusiva quanto a interpretação relativa ao sexo feminino».

Exs. Os rapazes de Letras formaram uma equipa de futebol.

Os cavalheiros são gentis.

Os padres já raramente envergam batina.

Portanto, o masculino não é tão genérico como à primeira vista pode parecer.

2. Origem da noção de "genérico"

Antes de passarmos à análise mais detalhada do problema, tentemos compreender a origem desta ideia de masculino genérico.

Dissemos já que o género feminino tem sido relegado para um nível de menor importância. Este aspecto não é exclusivo do Português e, já em 1647, escrevia Claude Vaugelas nas suas *Remarques sur la langue française* que «o género masculino é o mais nobre, prevalece sozinho contra dois femininos»³ [sublinhado meu].

Ora, a "prevalência" do género masculino é, sem dúvida, hoje (como ao longo da evolução da língua) fruto de uma estrutura social de séculos, em que o homem exercia o domínio em todos os campos, sendo a mulher relegada para um segundo plano, quase de inoperância. E, de facto, a língua é um reflexo do conhecimento e da visão que cada sociedade ou comunidade tem do mundo: se o homem era quem dominava, logo era seu o direito à primazia, havendo também transferência desse primeiro plano para o próprio meio de expressão - a língua.

É, pois, verdade que muitos factos gramaticais têm que explicar-se pela sua história, pela herança ou tradição que lhes advém da língua-base — no caso dos idiomas românicos (como o Português) do Latim — ou da vida social.

Já na época latina, Séneca usava homo com um sentido genérico: «Que coisa desprezível é o homem!». Este sentido veio a manter-se nos nossos dias⁴.

A língua latina usava, igualmente, para designar "mãe e pai", "filha e filho", "rainha e rei", respectivamente, PATRES (plural de PATRE, pai), FILIOS (plural de FILIU, filho) e REGES (plural de REGE, rei), pelo que hoje, na língua portuguesa, temos "pais", "filhos" e "reis" para designar simultaneamente os dois sexos⁵.

Em Português antigo, por sua vez, a frase «o pymeiro rey dos Godos» (extraída da *Crónica Geral de Espanha*, cap. CXLI, p. 210, 1.14) (CINTRA, 1954), remete para homens e mulheres godos.

Mas justiça seja feita ao nosso primeiro gramático, Fernão de Oliveira, que se manifestava (já em 1536, na sua *Gramática da linguagem portuguesa*) contra a extrema generalização atribuída ao masculino, por derivarem daí incongruências. E dava o seguinte exemplo: «"Marido e mulher ambos são bons homens", enfim, posto que muitas desproporções ou dissessemelhanças se cometem na nossa língua (...)» [sublinhado meu] (OLIVEIRA, 1988, cap. XLIX).

3. O real funcionamento do masculino genérico

Embora fruto de uma tradição, esta noção funciona, por vezes, mal a nível linguístico pelo que — na prática —, e como temos visto, nem sempre o masculino tem um carácter genérico, englobante, como também aponta Danielle Leeman (LEEMAN, 1989, 85 - 107).

Se é certo que em «O homem é mortal» e «Estes jovens querem falar com a Senhora», por exemplo, se poderão incluir referentes do sexo feminino, o mesmo já não ocorre nos seguintes exemplos:

Estes rapazes querem falar consigo.

Um avô é, regra geral, indulgente.

Os meus avôs já faleceram.

Um padre deve ser generoso.

Nestes casos, a avó não está incluída, e padre não engloba elementos do sexo feminino. Note-se igualmente que o avô ou o padre se tornam limitativos a um indivíduo só por força do determinante. Rapazes não engloba as raparigas, ao contrário de os jovens, por exemplo.

Também não faz sentido, como se disse logo no início, afirmar que "o homem tem um útero simples" ou incluir as mulheres na frase "Os ingleses são geralmente bons maridos". Assim, homem, padre, avô, marido, etc. são, nos exemplos apontados, somente masculinos e não genéricos, pelo que se prova que este carácter atribuído ao masculino é menos genérico do que as gramáticas fazem supôr⁶. Igualmente, dizer que «os americanos foram os primeiros a pisar a lua» não remete para uma totalidade absoluta⁷, nem sequer dentro do próprio sexo masculino. Inversamente, dizer «A mulher é mortal» remete, pelo menos, para a totalidade do sexo feminino.

Atente-se ainda noutro caso: a palavra homem pode ter dois sentidos como se sabe — o indivíduo adulto do sexo masculino e a espécie humana em geral. Contudo, se é correcto um enunciado do tipo «Os homens não podem querer uma guerra nuclear», não o é a frase «O João e a Maria são os homens mais idealistas do partido» (PEREIRA, 1987, 121).

Há, pois, que ser prudente no uso do masculino como todo englobante.

4. O feminino como genérico

Por outro lado, e frequentemente esquecidas, há formas femininas — os casos dos epicenos e sobrecomuns, em que o vocábulo tem um gênero para ambos os sexos, respectivamente animais e pessoas — que podem funcionar como genéricas:

As ovelhas estão a pastar.

Uma colmeia de abelhas.

A peixeira queria vender sardinhas e fanecas.

O João foi pescar trutas.

A criança entretinha-se a observar as moscas.

Com o verão, é frequente aparecerem formigas.

Neste momento não é aconselhável comer carne de vaca.

São apenas alguns exemplos em que a forma, apesar de feminina, engloba machos e fêmeas, embora para os primeiros casos existam formas masculinas correspondentes: carneiro, zangão ou abelhão⁸. Como estas formas há inúmeros exemplos: águia, baleia, borboleta, cobra, onça, pulga, etc.

Regra geral, nos epicenos, se é necessário expressar o gênero do referente, acrescenta-se "macho" ou "fêmea". O que não se pode dizer é que este é o modo de distinguir o gênero nos epicenos. O gênero continua o mesmo (GOUVELA, 1993, 109), o que se explicita é o sexo do referente: «o rinoceronte fêmea» e «a cobra macho» (CÂMARA JR., 1984,89).

Zélio Jota (JOTA, 1981,152) nota que alguns desses nomes são tantas vezes utilizados no feminino, com o sentido genérico, que levaram a supor a não existência de masculinos correspondentes. Estão nesta situação, entre outros, coruja (corujo), mula (mu ou mulo), perdiz (perdigão), raposa (raposo), etc.

Atente-se ainda que formas do tipo "a vítima", "a testemunha", "a criança", "a criatura", "a pessoa", "o cônjuge", "o indivíduo," etc, englobam elementos dos sexos masculino ou feminino, não obstante o facto de serem palavras de gênero feminino.

Assim, tanto o masculino como o feminino podem funcionar como gênero englobante de seres machos e fêmeas, ao contrário do que a gramática e a tradição linguística parecem deixar entrever. Há, por isso, que rever muito bem ideias preconcebidas relativamente à língua portuguesa. E, a este propósito, convém lembrar o problema das profissões femininas. Ao contrário da língua francesa, que luta desesperadamente contra a dificuldade semântico-lexical de expressar os femininos dos novos cargos exercidos por mulheres⁹, tendo que servir-se do genérico, o Português, pelas suas terminações mais frequentes (-o para o masculino e -a para o feminino) tem maior flexibilidade para adaptar

vocábulos já existentes a um feminino, evitando-se ter que criar uma nova palavra¹⁰ (GOUVEIA, 1997).

5. A realidade da língua

De uma análise do *Português Fundamental*, no que respeita ao género, feito num trabalho anterior (GOUVEIA, 1993, 178-209), entre os vocábulos invariáveis (sobrecomens e epicenos), que podem funcionar como genéricos, recolheram-se os seguintes: a abelha, a aranha, a borboleta, a cobra, a criança, a faneca, a formiga, a(s) lula(s), a pescada, a pessoa, a rã, a raposa, a sardinha, a truta e a visita, como femininos. Como masculinos, o atum, o bacalhau, o bebé, o bicho, o caracol, o carapau, o elefante, o guarda, o indivíduo, o linguado, o marisco, o pássaro, o peixe, o peixe-espada, o polvo e o tigre. Assim, 15 sobre 31¹¹ são femininos susceptíveis de funcionar como genéricos, o que se traduz numa quase igualdade de possibilidades. Isto ilustra que não há, afinal, a tantas vezes declarada grande maioria de masculinos com uso genérico.

Por outro lado, é interessante verificar que os discursos políticos dos nossos Presidentes da República e Primeiros-Ministros têm evoluído do simples «Portugueses» para «As portuguesas e os portugueses...».

São os falantes, os utilizadores, que "fazem" a língua, pelo que — sendo ela reflexo da nossa vivência social — é prova de que se está a desmistificar todo o peso da tradição secular que dava o relevo quase exclusivo ao género (porque ao sexo) masculino. Como muito bem aponta Edwige Khaznadar (KHAZNADAR, 1989, 61) a este propósito, «não se trata de linguística, mas de uma discriminação ideológica e social que prejudica a justa expressão da identidade feminina»¹². Não irei tão longe, mas estas observações de uma tendência que, cada vez mais, parece mostrar uma evolução da língua impõem-se a quem estuda ou ensina a língua portuguesa. Se levaram a uma breve reflexão sobre o funcionamento da língua, por parte do leitor, então cumpriu-se o objectivo proposto.

Notas

1 A mesma designação é dada por ECHAIDE (1969, 89-124), PEREIRA (1987) e TATILON (1998, 107-112).

2 O Autor dá os seguintes exemplos: «Depuis la fondation de l'Académie française, en 1634, les sièges des 40 Immortels ont été sucessivement occupés par des centaines d'Académiciens» (Aqui incluem-se homens e mulheres); em «Bien que l'Académie française ait plus de 3 siècles et demi d'existence, la totalité de ses académiciennes se compte encore sur les doigts d'une main» (Só engloba mulheres, donde a "limitação").

3 Tradução do original francês, recolhido em Edwige Khaznadar (KHAZNADAR, 1989).

4 No Português antigo esse vocábulo era usado com o sentido de "uma pessoa", "alguém", "ninguém," etc. Ex: «nō avia homem que lhe podesse dar conto». In: *Crónica Geral de Espanha*, cap. CCLVI, p.409, 1.16 (CINTRA).

5 Enquanto o Português e o Espanhol mantiveram essa tradição (cf. em Espanhol, "los padres", "los hijos" e "los reyes"), o Francês superou-a parcialmente ("les parents", para "os pais", decalcado da expressão latina PARENTES, com o mesmo sentido; "les enfants", para "os filhos", por exemplo), à semelhança de línguas de outra origem, como o Inglês, que utiliza "parents" ("pais"), "children" ("filhos"), "king and queen" ("rei e rainha") ou "brothers and sisters" (irmãos).

6 Maria Ângela PEREIRA (PEREIRA, 1987, 117) mostra que na frase «Os amigos, os pais e os maridos já chegaram» só "maridos" tem «no léxico um único traço de gênero».

7 Numa conturbada situação política, como era a dos anos 60/70, em que as duas potências Estados Unidos e União Soviética desejavam afirmar-se, talvez se possa entender também esta frase como querendo simbolizar-se a nação americana.

8 Aqui, por exemplo, como em "perdiz" e "perdigão", "cobra" e "cobrão", "mulher" e "mulherão," etc., foi o feminino que originou o masculino e não o inverso.

9 A palavra "médecin" continua sem forma feminina, porque o acrescentamento de um -e (característica do feminino) iria de encontro a outra palavra já existente "médecine" (medicina), recorrendo-se a outras formas "femme médecin."

10 Também o masculino se criou a partir de profissões tipicamente exercidas por mulheres: "cabeleireiro" pode designar não apenas o estabelecimento mas o homem que exerce a profissão; "costureiro" veio substituir o tradicional vocábulo, de origem árabe, "alfaiate", tendo um sentido mais "nobre" hoje em dia, etc.

11 Não se consideraram aqui as formas "o bispo", "o papa" e "o padre", porque não são verdadeiros genéricos. Igualmente se não tiveram em conta as palavras "o árbitro", "o pedreiro" e "o sapateiro" porque, apesar de se tratar de profissões mais usualmente ligadas aos homens, é possível o uso de um determinante para o feminino (a árbitra) ou a flexão de gênero pelos processos usuais (-a) em sapateira e pedreira. Igualmente não se tiveram em conta as formas masculinas de "aranha" e "abelha", por não constarem do vocabulário do *Português Fundamental*.

12 Tradução do original francês

Bibliografia

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso, *Estrutura da língua portuguesa*, 14ª ed. Petrópolis e Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

CINTRA, Luis Filipe Lindley, *Crónica Geral de Espanha*. Edição crítica do texto português por Vol. II. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1954.

ECHAIDE, Ana María, *El género del sustantivo en español: evolución y estructura*. In: *Iberoromania*. Neue Folge, vol. 1, fasc. 1, Fevereiro de 1969. München, Max Hueber Verlag, 1969, p.89-124.

- GOUVEIA, Maria Carmen de Castro Duarte de Frias e, *Um aspecto de morfologia histórica: o género gramatical dos substantivos e adjectivos em português*. Trabalho de síntese [inédito] apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica. Coimbra, 1993.
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e, *Algumas mudanças de género em curso no português*. In: *Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa da Linguística, 1997, p. 339-352.
- JOTA, Zélio dos Santos, *Dicionário de linguística*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Presença. Em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1981.
- KHAZNADAR, Edwige, *Le masculin premier*. In: *Cahiers de grammaire*, 14. Université de Toulouse-Le Mirail. Équipe de Recherches en Syntaxe et Sémantique. Décembre, 1989, p.51-61.
- LEEMAN, Danielle, *Remarques sur la notion de sexe et de générécité*. In: *Cahiers de grammaire*, 14. Université de Toulouse-Le Mirail, Equipe de Recherches en Syntaxe et Sémantique. Décembre, 1989, p. 85-107.
- OLIVEIRA, Fernão de, *Gramática da lingoagem portuguesa*. Edição fac-similada. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988.
- PEREIRA, Maria Ângela Botelho, *Gênero e número em português. Estudo das relações forma-sentido na gramática*. PROED/UFRJ, 1987.
- Português Fundamental*. Vol. I - Vocabulário e gramática: tomo 1 - Vocabulário. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1984, p. 69-86.
- SAUVAGEOT, Aurélien, *Analyse du français parlé*, Recherches /Applications. Librairie Hachette, 1972.
- TATILON, Claude, *Un genre bien à elles*. In: *Linguistique*, vol. 34, fasc. 1. Paris, P.U.F., 1998, p.107-112.
- VILELA, Mário, *Considerações gerais sobre o género*. In: *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Série de Filologia, vol. I. 1973. p. 139-159.